

MOTIVAÇÕES COINCIDENTES ENTRE ARTES E CIÊNCIAS

COINCIDENT MOTIVATIONS BETWEEN ARTS AND SCIENCE

Gaspar Paz

Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO

Neste ensaio, abordaremos algumas das aproximações entre o meio artístico e as ciências a partir das interpretações de Gerd Bornheim. Nesse viés, são exemplares as poéticas de Brecht e de Beckett, na medida em que as inflexões de seus trabalhos revelam um intenso diálogo entre as artes e as ciências. Bornheim compreendeu a extensão dessa temática até nossos dias, por meio da dinâmica das linguagens artísticas, da crítica à normatividade, do redimensionamento político da vida cotidiana e dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos. São as reverberações da criatividade que se intensificam cada vez mais nessas áreas.

Palavras-chave: Linguagens artísticas. Ciências. Imaginação material. Criatividade.

ABSTRACT

In this essay, we discuss some of the similarities between the artistic environment and sciences from Gerd Bornheim's interpretations. In this bias, the poetics of Brecht and Beckett are good examples, in the extent of their work inflexions which reveal an intense dialogue between arts and sciences. Bornheim realized the dimension of this issue until nowadays, through the dynamics of artistic languages, the criticism of normativity, the political rescaling of everyday life and of scientific and technological developments. Reverberations of creativity that intensify even more in both areas.

Keywords: Artistic languages. Sciences. Material imagination. Creativity

Interessa-nos aqui a interpretação de certas instâncias criativas das artes e das ciências que aparecem sublinhadas nos escritos de Gerd Bornheim.

Julgamos que uma das motivações coincidentes entre essas atividades parece ser justamente aquela que se põe a desafiar os limites da normatividade. Outro aspecto, que vem ocorrendo simultaneamente em ambos os domínios, pode ser percebido nos usos da tecnologia, a qual redimensiona a condição política do homem na atualidade do mundo em que vivemos. Tal dimensão política nos faz melhor compreender nada menos que diversas circunstâncias das artes contemporâneas. Circunstâncias essas que revelam o inexaurível espaço da criatividade. Para Bornheim, entra no palco da história “a riqueza da ciência contemporânea” e “a proliferação de linguagens artísticas” (BORNHEIM, 2002a, p. 158). Com tudo isso, passa-se a “descobrir parâmetros novos em lugares insuspeitos e desconhecidos” (BORNHEIM, 2002a, p. 159).

Vê-se que Bornheim não pretende permanecer na polêmica contradição entre expressões artísticas e ciências. Ele percebe que a ciência será uma das propulsoras da crise metafísica que se prolonga em diferentes setores e, portanto, não pode ser ignorada. Dessa forma, investe numa releitura das ciências. Evidentemente, Bornheim não se posiciona como um epistemólogo, nem tampouco como aqueles que, observando os “percalços históricos” gerados no cerne das ciências, “comprazem-se na contabilização de perigos de toda ordem” (BORNHEIM, 2002a, p. 148). Para ele, definitivamente, as ciências fazem parte dos processos da sociedade contemporânea. É assim que nosso autor questiona “a própria conceituação de ciência e de suas implicações”, a partir de “limites extremos” como os representados, por exemplo, pe-

las “categorias de sujeito e objeto” (*idem*).

É que, para Bornheim, o racionalismo moderno apregoou a superioridade da razão. E toda essa carga, passou a ser carregada pela visão sistemática e determinista das ciências. Não é por acaso que diversos autores passam a reivindicar uma epistemologia não cartesiana. A exaltação ao sistema, por exemplo, decorre totalmente desse tipo de fantasmagoria determinista. Assim, a realidade, para os que cultuavam tal superioridade determinista, como que se “sistemiza”. Por isso, a observação da antinomia entre sistema e fragmento foi um assunto que sempre inquietou Bornheim. Acontece, como dizia ele, que há momentos que desagregam e descompassam esse núcleo sistemático. Surge então na contemporaneidade as diferentes revoltas contra o sistema, como é o caso da recusa de seu caráter burocrático. Persegue-se a transparência de um dilema: de um lado, a fragilidade do sistema; de outro, sua permanência na vida contemporânea. Como compatibilizar situações tão antitéticas? Resta que saibamos assimilar criticamente tais intentos na construção de uma revisão do sentido das categorias e dicotomias que assolam nosso cotidiano. Com isso, assiste-se, de uma forma muito particular, à entrada em cena do poder das contingências. Segundo Bornheim,

[...] não se deve esquecer que atravessamos hodiernamente uma crise sem precedentes na história; sem precedentes, quer dizer: não se trata mais da crise particular que caracteriza a passagem de um período para o subsequente, em que este pretende superar o anterior, e sim de uma crise que assola os próprios pressupostos do todo da cultura ocidental. E já por aí se entende que as estruturas racionais muito rígidas comecem a periclitlar, ou passem por processos radicais de formalização (BORNHEIM, 1991, p. 52).

Recorreremos a dois exemplos práticos, analisados por Bornheim, nos quais essa vinculação entre expressões artísticas e ciências se faz evidente. O primeiro deles é a prática teatral de Brecht; já o segundo, o teatro de Beckett. Então vejamos.

Bornheim entende que o cientificismo é um pressuposto da estética de Brecht. Para ele, em Brecht, verifica-se o intenso diálogo das expressões artísticas com os ideais científicos. São acontecimentos do mundo e não podem estar tão estanques como muitas vezes querem nos fazer crer. Bornheim comenta que, de certa forma, “Brecht nunca abandonou a ideia da função educadora da ciência” (BORNHEIM, 1987, p. 51), já que seu teatro “[...] é uma forma de diálogo com a racionalidade” (BORNHEIM, 1987, p. 50). Evidentemente, essa não era uma forma passiva. Brecht tinha uma intenção de aliar teoria e prática, procurando uma espécie de conjugação entre tais atitudes. Para ele, todas as funções da prática teatral deveriam ser discutidas: linguagem, texto, atuação, espetáculo. Testemunhos disso são “[...] as ricas discussões prático-teóricas a que Brecht e suas sucessivas equipes submetiam a realidade teatral” (BORNHEIM, 1987, p. 45). Segundo Bornheim, seus espetáculos já traziam certos indicativos críticos que corroboravam as cenas. Tais aspectos eram manipulados no sentido de se destituir de intenções normativas, e seu emprego desempenhava então o papel de uma “renovação não menos constante do espetáculo” (*idem*).

De acordo com Bornheim, Brecht retomaria à sua maneira, a partir do impacto do cientificismo, duas formas de explicação de nosso tempo. Uma delas baseada em Aristóteles, seguindo a relação causa e efeito (tal perspectiva segundo Bornheim é encontrada no teatro do jovem Brecht). Por outro lado, Brecht, à medida que assi-

mila o marxismo, volta-se para um curso mais dialético em seu teatro, numa forma que valoriza os aspectos sociais. É nessa perspectiva social que ele se pergunta, por exemplo, sobre a liberdade, tomando como foco um simples trabalhador que vive em algum submundo de Chicago. Para Bornheim, “[...] a grandeza de Brecht está em que ele soube levar à cena, sem des-cambar em intelectualismo, problemas dessa magnitude” (BORNHEIM, 1987, p. 48). É por isso que se conclui que, para Brecht, essa ligação ou percepção das ciências não é meramente uma forma de compatibilizar os ideais científicos e artísticos, e sim de entender criticamente o nosso tempo.

Passemos ao segundo ponto, no qual Bornheim relaciona a imprevisibilidade que sobressai na física de Heisenberg ao que ocorre no teatro de Beckett. Se analisarmos a dramaturgia de Beckett dentro das coordenadas de espaço e tempo, podemos perceber a consistência de suas colocações. O que se indica é a perda do sentido ou a fragmentação do espaço e do tempo. A apropriação absolutista (é o caso da física de Newton ou a metafísica de Descartes) dessas categorias se desestrutura. E como já sublinhamos, isso não ocorre tão somente nas ciências ou na filosofia, mas desponta também nas expressões artísticas. Para Bornheim (2002b, p. 28), “[...] nossa época tem essa grandeza de promover na cultura, na ciência, no teatro, em todas as áreas, diálogos que põem tudo em risco, põem tudo em jogo, põem as cartas na mesa”. Vejamos o que ele diz do teatro de Beckett.¹

1 Foucault é outro autor que faz essa aproximação das artes com as ciências. Remetemos à leitura de um trecho como exemplo: “Tomo um trecho desse texto, uma frase particularmente típica: ‘limitar-se à descrição, diz Robbe-Grillet, é evidentemente recusar todos os outros modos de aproximação do objeto’. Ora, eis que muito recentemente eu lia um artigo publicado em uma revista literária. Era um

Pensei que Beckett seria um bom ponto de partida para se entender a tragédia, sabem por quê? Porque é o contrário da tragédia. Mas o fantástico é ter que pensar tanto a tragédia quanto Beckett dentro da coincidência entre espaço e tempo. Essa coincidência se refere a espaço e tempo hoje em Beckett, por exemplo, ou na cultura grega. Porque hoje o que acontece em Beckett no *Esperando Godot* é justamente um questionamento da própria consistência do espaço e tempo. No fundo, esse é o problema do Heisenberg na microfísica: a realidade é indeterminada. Como é que se estabelece, então, a relação espaço/tempo? O grande problema está exatamente aí: o espaço e o tempo perdem o sentido ou se fragmentam ou se tornam uma realidade altamente problematizada, fugindo ao espaço e ao tempo absoluto da física de Newton. Nós vivemos num tempo em que tempo e espaço não existem mais, ou melhor, perderam o sentido. Tudo está se transformando rápido. E nós não sabemos aonde vamos parar com isso tudo. E não só na ciência, na filosofia – há enorme diversi-

artigo de filosofia científica, de interpretação da ciência por um grande físico. Max Planck. Trata-se de um texto muito antigo, que data do início do século, já que Max Planck é o homem que criou a teoria dos quanta, que introduziu o descontínuo na física da energia, particularmente da energia luminosa, e isso por volta de 1900, antes de Einstein e seus fótons. Médiations, por razões que desconheço, publicou esse texto, nesse verão, com o título 'Positivismeet monde exterieurréel'. Nesse texto de Planck há uma crítica ao positivismo científico, ou seja, à filosofia científica então dominante. Ora, cada vez que Planck fala do positivismo científico do seu tempo, um leitor sensível aos problemas romanescos derivados de Robbe-Grillet terá a impressão de que ele fala de Robbe-Grillet...Tem-se a impressão de que há imediatamente um parentesco implícito entre os dois e que uma espécie de positivismo romanesco, se vocês querem, poderia se revelar nesse tipo de aproximação. Citarei, para ter alguns pontos de apoio, passagens do texto de Planck: 'Restringir-se à descrição das experiências realizadas', escreve Planck, 'e além do mais fazer disso glória...' (FOUCAULT, 2001).

dade de invenção, de criação... Por exemplo, a gente nunca sabe o que um pintor, um artista plástico vai fazer na próxima exposição. Quer dizer que ele está mais ou menos perdido no espaço e no tempo, as coordenadas, aquela coisa mais fixa da física de Newton ou da metafísica de Descartes se perdem, por assim dizer (BORNHEIM, 2002b, p. 28).

A ausência de sentido expressa “o desejo de superação dessa ausência de sentido” (BORNHEIM, 2002b, p. 30). Por isso, a noção de indeterminismo terá consequências nas expressões culturais contemporâneas. E nesse particular ela não assume uma forma de malogro. Insistindo mais no tema, para Bornheim, Heisenberg reposiciona o papel da contingência. Decorre daí que em vários setores do mundo contemporâneo “[...] recusa-se a necessidade, como também a existência de qualquer modalidade de sentido anterior e condicionante da ação do homem. A criatividade humana já começa por aí: ela inventa o sentido” (BORNHEIM, 1991, p. 53). É também a contingência que Bornheim enxerga na literatura de Sartre. Para ele, é surpreendente que num livro como *A náusea* “o que Sartre afirma da realidade e da existência humana estende-se também às artes e à literatura; com efeito, se tudo é contingência radical, a contingência se faz matéria-prima da literatura” (BORNHEIM, 1991, p. 53). Dito isso, o que interessa a Bornheim não é posicionar-se a partir de um elogio ao “acaso”, mas realizar uma leitura das controvertidas situações contemporâneas e, provavelmente, de entender que se há uma relação fecunda entre expressões artísticas e ciências; tal relação não pode ser mais colocada a partir de um viés hierárquico radical, dada as discussões e a tomada de consciência que acompanham nossa história.

Aqui poderíamos salientar a aproximação de Gerd Bornheim das interpretações de Gaston

Bachelard. Julgamos que tais percepções acima aventadas são em certa medida inspiradas em inflexões do trabalho de Bachelard. Essa aproximação se deve ao tratamento dado por ambos a duas instâncias motivadoras: as expressões artísticas e as ciências².

Bachelard, pensador do novo espírito científico, mostrou a relevância de novas manifestações da ciência, ressaltou a importância do erro e da experimentação, destacando, por conseguinte, o papel da imaginação criadora. Nessa mesma vertente questionadora da tradição filosófica, optou no campo poético pela fenomenologia, requisitando a percepção da imagem poética em sua realidade. Pois, para Bachelard (1984, p. 97), “A imagem, em sua simplicidade, não precisa de um saber... O poeta, na novidade de suas imagens, é sempre origem de linguagem”. Note-se que a “instância poética originária”, ainda que mais próxima das interpretações de Merleau-Ponty e Heidegger, é também um dos anseios das interpretações de Bornheim, no que tange a compreensão das linguagens artísticas.

A afinidade entre os dois pensadores fecunda ainda num aspecto importante e que está no panorama das discussões das artes e da ciência

2 Bornheim se refere em “Souvenir et présence de Bachelard” aos últimos cursos ministrados por Bachelard em Paris. Tais cursos foram resumidos por Jean Lescure e publicados em *Un été avec Bachelard* (Paris: Luneau-Ascot Éditions, 1983) e pode ser uma consulta útil a quem quer entender a atmosfera daqueles anos efervescentes. Foi justamente tal ambiência, revelada pela escrita poético-filosófica de Bachelard que motivou nosso inventariar sobre o itinerário de formação de Gerd Bornheim na França. E a forma como Bornheim aborda as linguagens artísticas, sempre atento à poética e aos andamentos das ciências contemporâneas, embora de forma diversa daquela de Bachelard, tem sem dúvida atenção ao seu imaginário. Um imaginário que se deixa invadir pela intensidade da imagem, percebe seu devir e encara a mudança

contemporânea – o questionamento de condutas deterministas. Para Bornheim, a imprevisibilidade, a indeterminação dos fenômenos passa a ser importante no processo criativo. Assim, o tema da linguagem e seus relacionamentos, refletem-se na busca de “liberdade expressiva”.

A inflexão dos dois momentos que divisam as interpretações de Bachelard entre epistemologia e poética se processa, na primeira via, com uma espécie de inventariar os procedimentos científicos, que Bachelard chamou de “psicanálise das ciências”. Nesse primeiro ponto, inicialmente o imaginário e a investigação das imagens, bem como a metáfora, são obstáculos a tal investigação. Pouco a pouco e já no caminho da poética, mas também porque Bachelard visualizava as pluralidades e os avanços técnico-científicos, entendemos que essa visão será relativizada em função do que ele denominou “imaginação material”, que é tratada mediante a inserção dos quatro elementos: terra, água, ar e fogo, que serão dimensionados em seus trabalhos a partir da intuição do instante e de uma poética do espaço. Aparece a partir daí em Bachelard, como nos mostra Benedito Nunes (1999, p. 140), “[...] uma tipografia do imaginário”. Para Nunes (1999, p. 141), Bachelard busca “[...] uma ontologia que se detém na descrição das imagens, que têm por base o potencial proporcionado pelos elementos”. E a poesia³ desde

3 Em Bachelard a imaginação criadora caminha lado a lado à sua frequência dos poetas. Jean-Luc Pouliquen ressalta, numa interessante pesquisa, que o interesse de Bachelard pela poesia vai dos poetas da Escola de Rocheford aos Surrealistas (POULIQUEN, 2007). Nestes últimos, pode-se mesmo falar, segundo Pouliquen, de influências recíprocas. Ele assinala o contato de Bachelard com André Breton e mesmo a incorporação pelo movimento surrealista do conceito de surracionalismo trabalhado por Bachelard. O interesse pelo surrealismo aproxima Bachelard de dois outros professores de Gerd Bornheim: Jean Wahl e Ferdinand Alquié. Este último dirigiu diversas

então aparece como um perscrutar a linguagem, que seria como entende Nunes (1999, p. 118) “[...] o limite, o limiar de toda experiência”. É o próprio Bachelard (1984, p. 102) quem revela: “[...] a poesia contemporânea pôs a liberdade no próprio corpo da linguagem”. Tal situação se reflete diretamente nas artes com relação “[...] à mudança da posição tradicional, tanto do artista, quanto do destinatário da obra” (NUNES, 1999, p. 107), mudança essa que invade também a percepção da imagem problematizada por Bachelard.

A atualidade da problemática nos mostra que a poética do autor francês pode ser frutífera, por exemplo, mesmo no caso de interpretações sobre o cinema. O curioso é que mesmo sem pensar diretamente sobre o cinema, Bachelard pode impulsionar questionamentos sobre a imagem cinematográfica. É o que ressalta Dominique Chateau quando dirige o terceiro capítulo de *Philosophie d'un art moderne: le cinéma* ao espaço e tempo cinematográfico a partir de Bachelard versus Bergson. É interessante sublinhar que a partir da intuição do instante e da poética do espaço bachelardianas – ocorrem mudanças significativas na forma de compreender a imagem. Pode-se explorar ainda mais tal imaginário mediante o instrumental do cinema. Talvez ele pudesse ajudar o entendimento do dinamismo que há entre suas concepções epistemológicas e poéticas. Não iremos tratar aqui mais detidamente das relações do cinema, mas apenas deixar claro que elas são potenciais em todas essas questões. Isso também motivou as investigações de Bornheim quando ele fala do estabelecimento do ângulo do olhar, pela síntese imagética da linguagem cinematográfica e pela “possibilidade” que ela dá ao espectador

discussões sobre o tema, tornando-se como, aponta Pouliquen, um dos principais representantes filosóficos do movimento.

de um acesso participativo.

No fundo, a reconciliação entre artes e ciências é tão somente desejável na medida em que se busque sua sustentação na liberdade expressiva. E essa liberdade já é expressa pela permeabilidade entre sonoridade e sentido.

Referências

BACHELARD, Gaston. **La poétique de l'espace**. Paris: Quadrige, Presses Universitaires de France, 1957 (7ed. 1998).

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BADIOU, Alain. *Beckett. L'incroyable désir*. Paris: Hachette Littératures (Pluriel Lettres), 1995.

BORNHEIM, Gerd. Os pressupostos gerais da estética de Brecht. In: BADER, Wolfgang (Org.) **Brecht no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Racionalidade e acaso. In: NOVAES, Adauto (Org.) **Rede imaginária: Televisão e democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. Souvenir et présence de Bachelard. **Cahiers Gaston Bachelard**, n. 4. Bachelard au Brésil, Dijon: Éditions Universitaires de Dijon, 2001.

_____. Ética, ciência e técnica: interfaces e rumos. In: COIMBRA, José de Ávila Aguiar (Org.) **Fronteiras da ética**. São Paulo: SENAC de São Paulo, 2002a.

_____. O sentido da tragédia. **Folhetin 12**, Teatro do Pequeno Gesto. Rio de Janeiro, 2002b.

BRECHT. **Écrits sur le théâtre**. Paris: Gallimard, 2000.

CHATEAU, Dominique. **Philosophie d'un art moderne**: le cinéma. Paris: L'Harmattan, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Org. Manoel Barros de Motta. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

NUNES, Benedito. **Hermenêutica e poesia**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. **A clave do poético**. Org. Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAZ, Gaspar. **Interpretações de linguagens artísticas em Gerd Bornheim**. 2010. Tese (doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

POULIQUEN, Jean-Luc. **Gaston Bachelard ou le rêve des origines**. Paris: L'Harmattan, 2007.